



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA - UEPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA**  
**DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

**JAQUELINE AVELINO DAS MERÇES BARBOSA**

**TRABALHO E SERVIÇO SOCIAL: reflexões sobre as condições de trabalho e  
os impactos para o adoecimento profissional**

**Campina Grande**  
**2014**

**JAQUELINE AVELINO DAS MERÇES BARBOSA**

**TRABALHO E SERVIÇO SOCIAL: reflexões sobre as condições de trabalho e os impactos para o adoecimento profissional**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, pelo curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus I – Campina Grande – PB.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Moema Amélia Serpa Lopes de Souza

**Campina Grande**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B238t Barbosa, Jaqueline Avelino das Merçes  
Trabalho e serviço social [manuscrito] : reflexões sobre as condições de trabalho e os impactos para o adoecimento profissional / Jaqueline Avelino das Merçes Barbosa. - 2014. 19 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Moema Amélia Serpa Lopes de Souza, Departamento de Serviço Social".

1. Serviço social. 2. Condições de trabalho. 3. Trabalho feminino. 4. Adoecimento. I. Título.

21. ed. CDD 361.32

JAQUELINE AVELINO DAS MERÇES BARBOSA

**TRABALHO E SERVIÇO SOCIAL: reflexões sobre as condições de trabalho e os impactos para o adoecimento profissional**

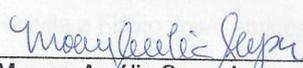
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, pelo curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus I – Campina Grande – PB.

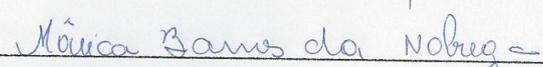
Orientador (a): Profª Moema Amélia Serpa Lopes de Souza

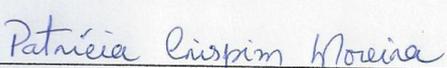
Aprovado em: 11 / 12 / 2014

Nota: 9,0 (noe)

**BANCA EXAMINADORA**

  
Profª Moema Amélia Serpa Lopes de Souza  
Orientadora

  
Profª Mônica Barros de Nóbrega  
Banca Examinadora

  
Profª Patrícia Crispim Moreira

Banca examinadora

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a toda minha família, especialmente a minha mãe, Josenilda, que tornou possível a minha existência e com sua simplicidade educou – me para a vida, sem ela não seria possível realizar este sonho, ao meu marido, Robério, companheiro de luta diária apoiando e respeitando sempre as minhas escolhas e decisões, aos meus filhos, razão do meu viver, é para eles tudo o que tenho projetado em minha vida, meus irmãos e minhas queridas irmãs companheiras e amigas de universidade e de vida, aos meus colegas de sala amigos eternos e a todos que ajudaram a tornar possível esta etapa tão importante da minha vida.

As minhas professoras, com quem durante estes quatro anos construímos laços de amizades, sempre com uma relação de confiança e responsabilidade em especial a Moema minha orientadora, Sheila Suely que me deu conselhos em um momento especial da minha formação e que sempre guardei na memória, Mônica Barros pela sua generosidade e simplicidade, Patrícia Crispim, pessoa mais humana que eu já conheci e as demais que marcaram a minha história na Universidade.

E as duas pessoas que me acompanharam e foram meus parceiros durante todo o curso os quais estarão sempre comigo em um grande laço de amizade e companheirismo Paloma Ravylla e Flávio José, amigos para sempre.

BARBOSA, Jaqueline Avelino das Mercês. **TRABALHO E SERVIÇO SOCIAL: reflexões sobre as condições de trabalho e os impactos para o adoecimento profissional.** 2014. 20 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

### **RESUMO**

O presente estudo constitui-se no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que aborda o tema do trabalho relacionado com as condições de trabalho do assistente social e as implicações para o adoecimento. Para compreender e aprofundar esse tema, dentro de uma perspectiva crítica, nos utilizamos de fontes bibliográficas e documentais para construir uma análise das transformações que o processo de trabalho tem sofrido constantemente com o advento da reestruturação produtiva e seus impactos para o trabalho e a vida. Identificamos um processo de mutações de ordem econômica, política, social e cultural no mundo do trabalho, caracterizando - se por ser um modelo de acumulação flexível no âmbito da produção e reprodução da classe trabalhadora, que também atinge o setor público mediante o redimensionamento do papel do Estado, principal empregador dos assistentes sociais. Destacamos dentro deste estudo o trabalho feminino e a sua relação com o Serviço Social, categoria predominantemente constituída por mulheres, buscando identificar as relações e condições de trabalho dos assistentes sociais, debatendo acerca das ameaças do adoecimento para essa categoria profissional.

**Palavras – Chave:** Serviço Social, Condições de Trabalho, Trabalho Feminino, Adoecimento.

### **ABSTRACT**

This study constitutes the Work Course Conclusion (TCC) about, the corporate transformations taking place in contemporary capitalist society, the reverberation of this process for Social Work and the possible impacts to the illness of the profession. To understand and deepen within a critical perspective that discussion, use of bibliographic and documentary references and analysis of sources of changes the work process has been constantly with the advent of productive restructuring. Having changes in economic, political, social and cultural in the working world, featuring - by being a model of flexible accumulation in the production and reproduction of the working class, reaching the public sector through of redirecting the State's role, main employer social Workers. We highlight in this study women's work and its relationship with the Community Service category consist primarily of women, trying to identify the relationship and working conditions of social workers, debating about the emergence of diseases in the health of this professional category

**Key – Words:** Social Work, Working Conditions, Working Women, illness.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. A CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO E AS IMPLICAÇÕES PARA O ADOECIMENTO DOS TRABALHADORES.....	08
2.1 O TRABALHO FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE.....	11
3. SERVIÇO SOCIAL E O ADOECIMENTO.....	13
4. CONCLUSÃO.....	16
5. REFERÊNCIAS.....	18

## 1. INTRODUÇÃO

Esse estudo propõe uma reflexão sobre a realidade atual do trabalho dos assistentes sociais, considerando as produções bibliográficas que abordam o tema do trabalho profissional e as discussões sobre as condições de trabalho e das ameaças do adoecimento para essa categoria profissional.

A preocupação com este tema surgiu em sala de aula, a partir dos estudos que demonstram o aumento da inserção dos assistentes sociais no mercado de trabalho na contemporaneidade. “Ao mesmo tempo e no mesmo processo, contraditoriamente, aprofundam a precarização das condições em que este trabalho se realiza” (RAICHELIS 2010, p. 751), indicando a possibilidade de adoecimento desses profissionais.

As reflexões aqui apresentadas têm como ponto de partida que as transformações societárias em curso a partir da década de 1970, revelam o esgotamento do regime de acumulação fordista e os reflexos da crise estrutural do capital que se evidencia até os dias atuais. Presenciamos uma série de mutações de ordem econômica, político, social, e cultural da sociedade contemporânea, entretanto, a essência de acumulação do capital expressa na extração da mais – valia pela exploração da força de trabalho, continua sendo fundamento lógico do novo modelo de flexibilização.

A exigência de uma mão de obra mais qualificada abriu espaço para um sistema de concorrência individual entre os trabalhadores frente à economia de trabalho vivo que, acabou por gerar o desemprego estrutural, desenvolvendo um sistema de relações precárias de trabalho, através do subemprego, informalidade, trabalho temporário e a exponenciação da população relativa estagnada.

Segundo Guerra (2010), nos últimos vinte anos, como uma tendência que abarca as profissões assalariadas, os assistentes sociais têm seus espaços, condições e relações de trabalho precarizadas e quase totalmente destituídas de direitos. É nesse sentido que algumas reflexões sobre as condições de trabalho e sua relação com o adoecimento dos (as) assistentes sociais será problematizado neste artigo e consideramos relevante abordar as questões de gênero, por tratar-se de uma profissão predominantemente feminina.

Entendemos a relevância dessa discussão para a categoria, pois faz menção a um tema ainda pouco trabalhado pela produção de conhecimento na área. Os autores e referências para elaboração deste artigo científico são fontes referendadas da biblioteca básica do Serviço Social e importantes autores das ciências sociais como: Ricardo Antunes (2009) e (2010), José Paulo Netto (1996), Elaine Bering (2003)(2009), Claudia Mazzeo (2004),(2010),(2010), Carmelita Yasbec (2009), Carloto (2002), Raquel Raichelis (2010), Marilda Iamamoto (2009) (1998), Marx e Engels (1998), Ivanete Boschetti (2011), Yolanda Guerra (2010), Mônica Alencar e Sara Graneman (2009), entre outras referências da literatura específica, como o documento do CFESS(2005) que publiciza o Perfil Profissional dos Assistentes Sociais.

O trabalho está estruturado em seis seções, a partir de uma breve introdução, uma seção sobre a configuração do trabalho no mundo contemporâneo e as implicações para o adoecimento dos trabalhadores, uma subseção a cerca do trabalho feminino na contemporaneidade, a terceira seção trata do Serviço Social e o adoecimento, conclusão e referências.

Nesta direção, este artigo apresenta alguns elementos que visam contribuir para a produção de conhecimento e despertar o interesse por novos estudos acerca de uma temática tão atual, mas pouco aprofundada pela academia e os demais agentes envolvidos na produção de conhecimento do Serviço Social.

## **2. A CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO E AS IMPLICAÇÕES PARA O ADOECIMENTO DOS TRABALHADORES**

No final da década de 1970 a sociedade capitalista presenciou o esgotamento do modelo de acumulação taylorista/ fordista. Segundo Antunes (2009) ocorreram mutações intensas, econômicas, sociais, políticas, ideológicas com fortes repercussões no ideário, na subjetividade e nos valores constitutivos da *classe – que- vive – do – trabalho*, as quais no seu conjunto, tiveram fortes impactos na vida e trabalho da população.

O processo de reestruturação produtiva do capital desenvolveu um novo modelo de acumulação flexível inspirado no modelo de acumulação japonesa, o

Toyotismo, onde as relações de produção e reprodução são diretamente afetadas assumindo novas configurações. O desenvolvimento tecnológico promoveu uma recomposição na ordem da produção, reduzindo e intensificando o processo de trabalho, pelo incremento das máquinas exigindo cada vez mais profissionais qualificados e polivalentes. Netto (1996, p. 87) afirma que, “[...] a revolução tecnológica tem implicado em uma extraordinária economia do trabalho vivo, elevando brutalmente a composição orgânica do capital”.

Vale salientar que nesse novo contexto de acumulação flexível - embora com uma forte estratégia de economia do trabalho vivo - sempre exigirá do capital a permanência do trabalho vivo para o seu processo de reprodução e dominação da sociedade, Justamente.

[...], porque o capital não pode eliminar o *trabalho vivo* do processo de criação de valores, ele deve aumentar a utilização e a produtividade do trabalho de modo a intensificar as formas de extração do sobretrabalho em tempos cada vez mais reduzido (ANTUNES, 2010, p.30).

Assim compreendemos que, mesmo com o avanço e a implementação da tecnologia e da ciência, as quais resultam na redução da força de trabalho, a presença do trabalho humano demonstra o seu caráter fundante no processo de extração e acumulação da mais – valia, diante dos novos padrões de flexibilização do processo de trabalho.

É perceptível que as características da flexibilização que transformaram a ordem da produção econômica mundial, foram incorporadas pelo setor público através da refuncionalização do papel do Estado, esse que passou a direcionar suas ações orientadas para o mercado, mediante a restrição das políticas sociais desregulamentando o sistema de proteção social conquistado pelas lutas do movimento operário da classe trabalhadora.

No Brasil, segundo Behring (2009), houve o desmonte e a destruição das políticas sociais, numa espécie de reformatação do Estado brasileiro para adaptação passiva à lógica do capital. Revelou - se sem surpresas, a natureza pragmática, imediatista, submissa e antipopular das classes dominantes brasileira.

O Estado brasileiro durante toda a década de 1990, seguindo as orientações dos organismos internacionais, privatiza as empresas públicas estatais,

desresponsabiliza-se no trato com a questão social, descentralizando, fragmentando e focalizando as políticas sociais. Abre espaço para a iniciativa privada e o terceiro setor na promoção e execução dos serviços públicos, além de uma forte ofensiva para suprimir os direitos sociais dos trabalhadores.

Behring (2003) afirma que:

A saída da crise sempre invocada como um processo natural (...), por meio da flexibilização das relações contratuais de trabalho, retirando-se o Estado da regulação destas relações, inclusive no que se refere a questão da proteção social, com a redução dos encargos sociais (...). Neste sentido, também operam estratégias de passivização dos trabalhadores, com objetivo de derruir sua identidade de classe (BEHRING, 2003, p. 214).

Os desdobramentos da flexibilização expressos pela exploração e precarização das relações de produção e reprodução da classe trabalhadora, terá implicações graves sobre a saúde dos trabalhadores, pois os agravos à saúde tanto psíquicos quanto físicos aos trabalhadores submetidos aos ditames desta nova lógica perversa, tornam – se mais constantes no cotidiano profissional. “As doenças ocupacionais que antes eram relegadas aos consultórios médicos atualmente se configuram enquanto processos sinalizadores de uma nova expressão das relações sociais vinculadas ao mundo do trabalho” (SILVA, P; SILVA, S, 2013, p.2).

Nesse contexto, presenciamos uma exposição maior das mulheres ao processo de adoecimento, pois além de vivenciar a exploração do trabalho no âmbito público, ainda estão sujeitas às atividades domésticas no espaço privado do seu lar, no qual muitas vezes devido aos novos arranjos familiares da contemporaneidade, assumem a responsabilidade de cuidar dos filhos e da família individualmente.

Segundo Oliveira (2003, p. 27),

A esfera da vida privada se estrutura em torno de relações afetivas, obedece a contratos não escritos de ajuda mútua, não remunerada, salvo pela reciprocidade. Os termos desse contrato dizem respeito a um número limitado de pessoas que se escolheram para partilhar o cotidiano. A esfera privada é o lugar de interações espontâneas e as atividades que ali se desdobram revestem-se de um caráter diferente daquelas que se chama de trabalho.

O trabalho das mulheres nesta sociedade está associado às atividades consideradas de menor força física, com maior capacidade intelectual, cuidados especiais, atenção, delicadeza, entre outras consideradas femininas. “Inverte-se, assim, o sentido original do trabalho, que servia ao sustento material da vida afetiva,

colocando-se a vida afetiva a serviço do trabalho” (OLIVEIRA, 2003, p.29).

Dessa forma, a divisão sócio-sexual do trabalho expressa uma hierarquia de gênero que, em grande medida, influencia na desqualificação do trabalho feminino assalariado, no sentido da desvalorização da força de trabalho e conseqüentemente desencadeando uma acentuada precarização feminina no mundo produtivo ( NOGUEIRA, 2010p.59).

A sobrecarga de trabalho expõe as mulheres a um possível quadro de adoecimento. A partir da discussão em curso analisaremos as características e incidências do trabalho feminino e as novas inflexões dentro da lógica flexível do trabalho, que se expande e atinge o exercício profissional dos (as) assistentes sociais resultando no processo de adoecimento.

## 2.1. Trabalho feminino na contemporaneidade

A construção social histórica de desigualdades entre homens e mulheres, está associada a um movimento de rupturas, continuidades e transformações no interior da sociedade contemporânea. Para as mulheres houve um amplo reconhecimento nos planos social e político através das lutas do movimento feminista. Na contracorrente o sexo masculino procurou manter sua posição hierárquica de dominação, exploração e opressão do sexo feminino.

Nogueira (2010, p. 59), afirma que:

As relações sociais de gênero, entendidas como relações desiguais, hierarquizadas e contraditórias, seja pela exploração da relação capital/trabalho, seja pela dominação masculina sobre a feminina, expressam a articulação fundamental da produção/reprodução.

Com o avanço da flexibilização expressa na reestruturação produtiva houve um significativo aumento das mulheres no mercado de trabalho, a redução da força física e o aumento do setor de serviços, constituíram – se como os principais fatores para essa inserção em maior grau do trabalho feminino. Marx e Engels (1998, p. 46) afirmam que, quanto menos habilidade e força o trabalho manual exige, isto é, quanto mais a indústria moderna progride, tanto mais o trabalho dos homens é suplantado pelo das mulheres e crianças.

Segundo Nogueira (2004, p. 13):

O capital se utilizou da mulher no mundo do trabalho ao (excluir e incluir), reforçando a nossa hipótese inicial de que, se por um lado o ingresso do trabalho feminino no espaço produtivo foi uma conquista da mulher, por outro lado permitiu que o capitalismo ampliasse a exploração da força de trabalho, intensificando –a através do universo do trabalho feminino. São também exemplos claros de como a dimensão de classe se articula com a dimensão de gênero, quando se pensa na exploração do trabalho pelo capital.

Esse processo de “feminização do trabalho” (NOGUEIRA, 2004), configura-se como um dos instrumentos de manutenção e ampliação da acumulação flexível. Para Carlotto (2002, p.10), a mulher nesse contexto, aparece não só como propriedade do capitalista como também do homem/marido, [...]. As trabalhadoras são submetidas a elevados níveis de trabalho, sem o devido reconhecimento, prevalecendo às relações de desigualdades dos sexos.

Caracteriza-se um crescimento flexível do emprego feminino no qual se desenvolvem formas de organização de trabalho subalternas, como: baixos salários, já que “existe uma conotação de que o trabalho e o salário feminino são complementares no tange as necessidades de subsistência familiar” (NOGUEIRA, 2010, p. 160), contratos de trabalho precários, trabalhos esporádicos, jornadas pesadas e exaustivas e, em muitos casos, as mulheres estão sujeitas a assédios morais e sexuais por partes dos seus superiores.

Segundo Nogueira (2010, p.176), no mundo produtivo contemporâneo um dos setores que mais absorve a força de trabalho feminina é o setor de serviços. Isso inclui os setores público e privado, os quais promovem um sistema de intensificação e precarização das relações de trabalho. “Podemos entender que a precarização, apesar de atingir enorme contingente da classe trabalhadora, tem sexo” (NOGUEIRA, 2010, p.160), pois o trabalho feminino, além das determinações de opressão da relação capital e trabalho, também estão envolvidos por um componente ideológico cultural de opressão, dominação e exploração de uma sociedade machista conservadora.

Compreendendo nesse cenário que, “essa realidade permite explicitar a entrada da mulher no mundo do labor não se traduziu, nem longinquamente, de forma igualitária, sendo este um movimento, que exige muita atenção da trabalhadora”[...] (NOGUEIRA, 2010,p.177), pois as condições das relações de trabalho a que elas estão sendo submetidas na realidade atual, lamentavelmente vêm agudizando um processo de adoecimento físico e mental interferindo na qualidade de vida dessa população.

Nesse atual contexto as condições de trabalho dos assistentes sociais não diferem das condições vividas por outras categorias profissionais. O perfil eminentemente feminino resulta do processo de constituição histórica da profissão em consonância com as transformações societárias ocorridas na sociedade capitalista.

Segundo dados de pesquisa realizada pelo CFESS (2005) sobre o perfil profissional dos Assistentes sociais, confirmado a tendência histórica da profissão, a categoria das (os) assistentes sociais, ainda é predominantemente feminina, contando com 97% dos profissionais constituídos por mulheres e apenas 3% de homens (CFESS, 2005, p.17). Iamamoto (1998) afirma que: “com tal perfil (feminino), o assistente social absorve tanto a imagem social da mulher, quanto às discriminações a ela impostas no mercado de trabalho [...]”.

No tocante a predominância feminina da profissão,

As condições das mulheres assistentes sociais não as coloca em um patamar diferenciado das milhares de mulheres brasileiras que deixam filhos na escola para se dedicarem ao trabalho. E, ao mesmo tempo não possuem elas, condições de privilegiamento como os homens assistentes sociais, que ainda, por uma questão de gênero, se socializando em outros espaços sem ter que cumprir outra jornada após oito horas de trabalho institucional (SILVA,P; SILVA,S,2013, p.8).

Frente ao atual contexto de crise capitalista, em que evidencia – se a flexibilização das relações de trabalho e o desmonte do aparelho do Estado, através da fragmentação, privatização e focalização das políticas sociais, as condições de trabalho das assistentes sociais se complexificam. A atuação dos profissionais vem sendo determinada por uma série de manifestações, as quais desafiam a profissão em seu cotidiano, no interior dos seus espaços sócio - ocupacionais. Essas inflexões incidem diretamente na saúde e qualidade de vida dessa categoria convergindo para um processo de adoecimento, tema que será objeto da próxima discussão.

### **3. SERVIÇO SOCIAL E O ADOECIMENTO**

Em tempos atuais de crise contemporânea do capital, o assistente social como trabalhador assalariado, inserido na divisão sócio – técnica e sexual do

trabalho, sofre com o processo de flexibilização e precarização das relações de produção e reprodução de trabalho, assim como os seus usuários. “A profissão não é imune à dinâmica dos processos sociais contemporâneos que determinam a sua configuração técnica-profissional, com claras implicações em suas competências e atribuições, bem como nas suas condições de trabalho” (ALENCAR; GRANEMANN, 2009, p. 162)

Segundo Guerra (2010) os assistentes sociais,

Vivenciam e enfrentam, ao mesmo tempo, as expressões da exploração e dominação do capital sobre o trabalho e efetivam respostas no campo dos direitos captando e enfrentando as expressões da chamada “questão social”, que se convertem, por meio de múltiplas mediações, numa diversidade de demandas para a profissão (GUERRA, 2010, p.716).

Essas demandas profissionais no atual contexto de crise apresentam-se cada dia mais complexas, desafiando a profissão no seu enfrentamento. Yazbek (2009, p.16) afirma que:

Nessa conjuntura, emergem processos e dinâmicas que trazem para a profissão, novas temáticas, novos, e os de sempre, sujeitos sociais e questões como: o desemprego, o trabalho precário, os sem terra, o trabalho infantil, a moradia nas ruas ou em condições de insalubridade, a violência doméstica, as discriminações por questões de gênero e etnia, as drogas, a expansão da AIDS, as crianças e adolescentes de rua, os doentes mentais, os indivíduos, com deficiências, o envelhecimento sem recursos, e outras tantas questões e temáticas relacionadas à pobreza, à subalternidade e à exclusão com suas múltiplas faces.

O Estado sempre foi à instituição que mais emprega assistentes sociais a pesquisa realizada pelo CFESS (2005, p.26), confirma a tendência histórica de inserção do Serviço Social na esfera pública estatal 78,16%, a nível nacional, 40,97% na esfera municipal, 24% nos estados e 13,19% em âmbito federal.

Segundo lamamoto (2009, p. 4),

Nesses espaços ocupacionais esses profissionais realizam assessorias, consultorias e supervisão técnica; contribuem na formulação, gestão e avaliação de políticas, programas e projetos sociais; atuam na instrução de processos sociais, sentenças e decisões, especialmente no campo sociojurídico; realizam estudos socioeconômicos e orientação social a indivíduos, grupos e famílias, predominantemente das classes subalternas; impulsionam a mobilização social desses segmentos e realizam práticas educativas; formulam e desenvolvem projetos de pesquisa e de atuação técnica, além de exercerem funções de magistério, direção e supervisão acadêmica.

No entanto a inserção dos assistentes sociais nessas instituições

empregadoras, tem passado por um processo, de flexibilização e precarização das condições e relações de trabalho, diante do sistema de desregulamentação do Estado expressa na supressão das políticas sociais.

Segundo Boschetti (2011, p.561),

São fartamente denunciados nos CRESS e nos eventos organizados pelo Conjunto CFESS/CRESS as condições precárias de trabalho, especialmente na Política de Assistência Social (Suas), nas organizações não governamentais e no sistema sociojurídico. Nesses espaços, a não realização de concursos públicos em conformidade com as demandas do trabalho tem levado à terceirização do trabalho, à precarização, à superexploração da força de trabalho, à inserção dos (as) profissionais em dois ou três campos de atuação com contratos precários, temporários, o que tem causado adoecimento físico e mental.

Para Raichelis (2011), os efeitos da tríade flexibilização, precarização, terceirização do trabalho do assistente social se fazem sentir em níveis de intensidade antes desconhecidas pela profissão. O processo de adoecimento e sofrimento desses profissionais resulta do movimento dessas manifestações presentes no cotidiano profissional.

Sobre os possíveis estudos sobre o agravamento da saúde dos assistentes sociais decorrentes dessa problemática, Guerra (2010, p. 722) afirma que:

Muito raramente a literatura produzida no Serviço Social se debruça sobre as consequências geradas pela degradação das condições de trabalho e vida dos assistentes sociais. Por vezes, as ações repetitivas, rotineiras e acrílicas, os imediatismos, a fragmentação do trabalho, a urgência em dar respostas, a necessidade de buscar soluções individuais, sendo responsabilizado pelo seu sucesso ou fracasso, acarreta doenças profissionais, submetidos que estão à pressão para resolver os problemas que requisitam respostas imediatas e urgentes.

É visível uma exposição desses profissionais a sintomas de angústia, depressão, desgaste físico e mental expressos pelo estresse presente no exercício profissional, no entanto são problemas de saúde diagnosticados empiricamente.

Apesar da “renovação teórico - metodológico e ético política e a qualificação da sua produção científica” (RAICHELIS, 2011, p.422), o debate e aprofundamento no campo da produção de conhecimento e as respostas das suas entidades representativas no nível de organização e mobilização política, ainda não promoveram uma maior visibilidade para o enfrentamento desse problema, o qual não possui estudos específicos tendo em vista a sua relevância para os assistentes sociais, como exemplo a luta pela jornada de trinta horas semanais, por melhores

condições de trabalho e concurso público, além de outras lutas. Deixando que um tema tão importante perpassasse apenas pelos corredores institucionais em conversas informais entre os profissionais que sentem os reflexos do desgaste físico e emocional advindas das condições e relações de trabalho dos Assistentes Sociais.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As reflexões apresentadas nesse trabalho de conclusão de curso buscou aproximar – se da discussão, que envolve o atual contexto das relações e condições de trabalho dos assistentes sociais e os possíveis impactos para o adoecimento profissional.

Os autores referendados no curso desse trabalho contribuíram para o desenvolvimento de análises que auxiliam uma aproximação do tema. Neste sentido podemos identificar que a temática do adoecimento dos assistentes sociais, ainda não constitui- se como um objeto científico de estudo concreto, pelas referências utilizadas. Os autores fazem apontamentos para a questão do adoecimento como resultado das implicações advindas das transformações sociais no atual estágio de crise capitalista, e as estratégias de superação expressa pela reestruturação produtiva do processo de trabalho que atinge diretamente os trabalhadores.

Discutimos o processo de feminização do trabalho em virtude das mulheres estarem passíveis ao adoecimento mais que os homens, sendo essas extremamente funcionais para o sistema de ampliação e acumulação do capital, e a ligação direta da feminização com o Serviço Social, categoria historicamente constituída por mulheres.

Apreendemos as relações do Serviço Social com o Estado, historicamente o maior empregador de assistentes sociais até hoje. Os profissionais enfrentam várias dificuldades de atuação nos seus espaços sócio - ocupacionais, em decorrência da restrição do sistema de proteção social e das políticas sociais. As questões relacionadas ao aumento do desemprego, pobreza, violência, preconceitos e desigualdades de gênero, raça e etnia, problemas com álcool, drogas, criança e adolescente, doenças sexualmente transmissíveis, entre outras expressões, fazem parte do cotidiano dos assistentes sociais.

Atender essas demandas qualificadamente com um Estado reduzido para o

trabalhador torna - se um desafio constante para os assistentes sociais. As instituições empregadoras estão exigindo dos profissionais respostas cada vez mais imediatas, em ritmos intensos de trabalho, sem oferecer as mínimas condições objetivas e subjetivas, desrespeitam a legislação, formulando contratos precários de prestação de serviços, muitos deles temporários e por indicações políticas.

Esse campo de flexibilização que envolve os assistentes sociais resultam no processo de adoecimento, doenças como depressão, cansaço físico e mental, estresse, verdadeiras estafas estão cada dia mais presentes no interior na profissão.

Entendemos que até o momento só podemos visualizar a questão do adoecimento profissional pelo conhecimento empírico, discutido entre os próprios profissionais.

Esses agravos de saúde precisam ser identificados e problematizados com mais atenção, pelas instituições de ensino e formação profissional e as agências representativas que fomentam estudos sobre o Serviço Social.

Para isso é necessário, introduzir a temática do adoecimento com as demais lutas já travadas pela categoria, a exemplo da luta pelas trintas horas semanais, que culminou no projeto de lei complementar PLC. 152/2008 (BOSCHETTI, 2011) regulamentando a redução da jornada de trabalho sem redução salarial, essa que foi objeto de muitos estudos, assim como outras lutas coletivas travadas pelo Serviço Social as quais serviram de inspiração para diversos autores.

Podendo ampliar a discussão para o campo das lutas sociais, já que o adoecimento está presente nas demais profissões, organizando estratégias de enfrentamento juntos aos movimentos sociais e populares, a classe trabalhadora e suas representações, sindicatos, conselhos, comunidades de bairros, sujeitos coletivos comprometidos com o fim das desigualdades sociais e o melhoramento das condições de vida da população.

## 5. REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mônica Maria Torres de; GRANEMANN, Sara. Ofensiva do capital e novas determinações do trabalho profissional. **Katál**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p.161-169, jul. 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 11. Ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. Produção Liofilizada e a Precarização Estrutural do Trabalho: Dimensões da crise do capital e da precarização estrutural do trabalho. In: BERTANI, Iris; LOURENÇO, Edivânia; NAVARRO, Vera (Org.). **O Averso do Trabalho II: Trabalho, precarização e saúde do trabalhador**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. Cap. 1. P. 21-40.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Brasil em Contrarreforma**: desestruturação do Estado e perda de direitos. São Paulo, Cortez, 2003.

BEHRING, Elaine Rossetti. Política Social no contexto da crise capitalista. In: CFESS (Org.). **Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Brasília: Cfess e Abepss, 2009. Cap. 3. P. 301-323.

BOSCHETTI, Ivanete. Condições de trabalho e a luta dos (as) assistentes sociais pela jornada semanal de 30 horas. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 107, p.557-584, jul. 2011.

CARLOTO, Cássia M. Gênero Reestruturação Produtiva e Trabalho Feminino. [Editorial]. *Serviço Social em Revista*. V.4, n.2, Jan/Jun, 2002. Disponível em: <[http://www.uel.quibr/revistas/ssrevista/c\\_v4n2\\_carlotto.htm](http://www.uel.quibr/revistas/ssrevista/c_v4n2_carlotto.htm)>. Acesso em: 25 de jul.2014

CFESS. **Assistentes Sociais no Brasil Elementos para o estudo do perfil profissional**. Brasília: Cfess, 2005. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/visualizar/livros>>. Acesso em: 12 de Nov. 2014.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

GUERRA, Yolana. A formação profissional frente aos desafios da intervenção e das atuais configurações do ensino público e a distância. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 104, p.715-736, out. 2010.

IAMAMOTO, Marilda Villela. O Serviço social na Cena Contemporânea. In: CFESS (Org.). **Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Brasília: Cfess e Abepss, 2009. Cap. 1. p. 15-50.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 1998.

NETTO, José Paulo. Transformações Societárias e Serviço Social no Brasil: Notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. s/v, n. 50, p.87-131, abr. 1996.

NOGUEIRA, Claudia, M. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização**, São Paulo. Autores Associados, 2004, 90p.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. As Relações Sociais De Gênero No Trabalho e na Reprodução. **Aurora**, São Paulo, v.s /v, n. 6, p.59-62, ago. 2010.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. Telemarketing: a saúde das teleoperadoras. In: LOURENÇO, Edvânia; NAVARRO, Vera; BERTANI, Iris (Org.). **O Averso do Trabalho II: trabalho precarização e saúde do trabalhador**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. Cap. 7. p. 159-178.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Reengenharia do Tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

RAICHELIS, Raquel. Intervenção profissional do assistente social e as condições de

trabalho no Suas. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 104, p.750-772, nov. 2010.

RAICHELIS, Raquel. O assistente social como trabalhador assalariado: desafios frente as violações dos seus direitos. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 107, p.420-437, jul. 2011.

SILVA, Lene Maria Pereira; SILVA, Lucineiy Sebastião. As Mulheres assistentes sociais: adoecimento e sofrimento em tempos de reestruturação produtiva. In: III SIMPÓSIO MINEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 2013, Belo Horizonte. **Expressões socioculturais da crise do capital, e as implicações para a garantia dos direitos sociais e para o serviço social**. Belo Horizonte: Cress/MG, 2013. p. 1 - 11.

YAZBEK, Maria Carmelita. Os fundamentos históricos e teórico - metodológicos do Serviço Social brasileiro na contemporaneidade. In: CFESS (Org.). **Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Brasília: Cfess e Abepss, 2009. Cap. II. p. 1-26.